

António Vasconcelos Lapa

Na obra do ceramista português António Vasconcelos Lapa, a matéria torna-se linguagem e território de descoberta. A argila, trabalhada com atenção ao gesto e ao tempo, revela superfícies densas, texturas irregulares e tonalidades que nascem do encontro entre a terra e o fogo. Cada peça afirma-se como presença escultórica, onde forma, peso e superfície dialogam numa experiência sensorial que convoca o olhar e sugere o toque.

A natureza atravessa silenciosamente todo o seu trabalho. Ecos de fauna e de flora surgem nas formas orgânicas que evocam aves, peixes, sementes ou elementos vegetais, não como representação literal, mas como memória ou sugestão. As peças parecem crescer como organismos discretos, moldados pela mesma lógica natural que transforma a matéria e acompanha os ciclos da terra.

Ao mesmo tempo, o universo de Vasconcelos Lapa abre espaço a uma dimensão de encantamento. Nas suas formas inesperadas e por vezes lúdicas, reconhece-se um convite ao imaginário, como se cada objeto guardasse a possibilidade de um pequeno mundo, habitado por criaturas silenciosas ou paisagens mínimas. Essa qualidade quase infantil, feita de curiosidade e surpresa, devolve ao observador um olhar atento e disponível.

Entre tradição cerâmica e liberdade contemporânea, o trabalho de António Vasconcelos Lapa constrói assim um território poético onde matéria, natureza e imaginação se entrelaçam, convidando-nos a redescobrir, através da cerâmica, a intimidade profunda entre o gesto humano e o mundo natural.

Cláudia Milhazes



Rua Cónego Joaquim
Gaiolas 4750-306 Barcelos
+351 253 824 741
museuolaria@cm-barcelos.pt



Os Olhos na pontas dos dedos

António Vasconcelos Lapa

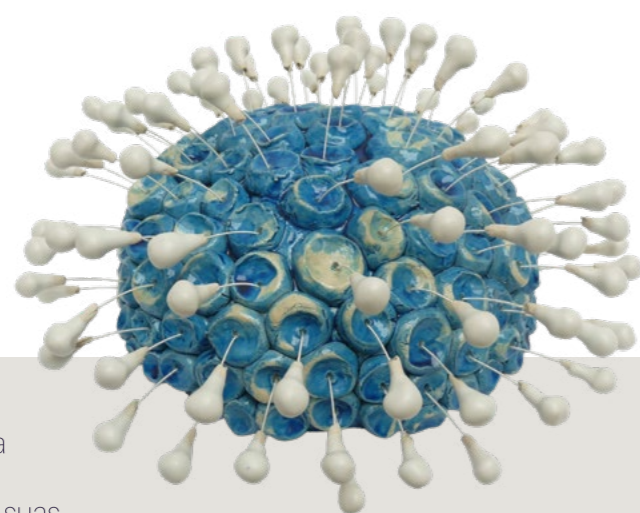


Museu de Olaria
Sala da Capela

17
Abr.

12
Jul. 2026

Os Olhos na pontas dos dedos



E se dos cabelos nascessem pássaros? E se as algas quisessem ser centopeias? E se o barro cantasse? E se o artista visse com a ponta dos dedos? Este é o mundo mágico que constitui o imaginário de António Vasconcelos Lapa e que se renova e recria em cada uma das suas exposições. AVL dá-nos a mão para nos acompanhar num passeio que nos dá a conhecer o seu percurso artístico.

Todos os que têm acompanhado o artista durante as várias fases do seu caminho sabem que a sua arte, como diria Italo Calvino, “é a criação de mundos possíveis”. E os seus mundos são mágicos, povoados de dragões e de cores, de árvores e sementes, de pássaros com olhos saltitões que nos divertem ou nos fazem pensar, de figuras humanas de cujas cabeças nascem aves e ondas, de formas evocadoras do mar da sua infância. Mágicos, barrocos e possíveis, criados com o olhar na ponta dos dedos, pontes por onde a vida passa diretamente da mão para o barro. Porque o ofício do ceramista é esse, tirar vida do barro esculpindo os seus mundos, as mãos sempre despertas quando os olhos começam a falhar - as mãos, motor inventivo do artista. Muitas vezes, quando perguntado sobre o seu processo criativo, AVL responde: “a mão pede”. A mão, que passou a ser o seu olhar, conduz o caminho da criação e a mão pede que do barro saiam todos os mundos possíveis, aqueles que já foram imaginados e os que a generosidade do demiurgo nos oferece como dádiva sagrada.

E assim ressurgem figuras de convite que nos transportam para o mundo ousado e exuberante do Barroco, figuras resgatadas do passado para afirmar orgulhosamente que o anacronismo não existe. Assim, os jardins trepam pelas paredes, obrigando os olhos a um movimento que joga simultaneamente com a horizontalidade e a verticalidade (ou não fosse a obra de AVL um puro jogo com o espectador). Assim, as asas ganham vida em libélulas e dos cabelos nascem aves trocistas que ousam desafiar as cabeças que as albergam. Assim, as sementes são promessas de árvores que darão os frutos que voltarão a ser o início de um ciclo permanente - mesmo quando as folhas caem, esmorecidas.

Poderíamos continuar a afirmar que a obra de AVL é uma linguagem elaborada para narrar um mundo fantástico em que terra, céu e mar se entrelaçam, em que os processos alquímicos revelam o ouro que treme como as searas ao vento. Há peças que, em si mesmas, já contêm essa dimensão narrativa, como é o caso do totem que encerra muitas das linhas estruturantes do conjunto da obra do artista: uma peça que impõe o movimento vertical do olhar para culminar na horizontalidade dos braços abertos, como um convite à entrada neste mundo de imaginação; as linhas circulares que evocam o movimento ondulante do vento e formas que nos remetem para um universo marinho; a lua, tão significativamente rica, símbolo da metamorfose constante (na obra de AVL nada é estático, nada é permanente) que se erige também como o território da fábula; e, no cimo de tudo, o pássaro, elemento recorrente na sua obra, sentinela da nossa inevitável fascinação.

Subjacente a todas estas interpretações está sempre o elemento lúdico, como se o artista tivesse como propósito primordial surpreender o público, provocá-lo para o obrigar a participar no seu mundo, deixando assim de ser um mero espectador para se tornar também ator. Neste contexto, nasceram as extraordinárias peças multissensoriais, feitas para serem tocadas e ouvidas, cujos elementos se movem e produzem sons sempre que manipulados por nós — e, assim, acabamos nós, cúmplices do gesto criador, por dar nova vida ao barro.

Todos estes universos têm o seu quê de barroquismo, que se tem manifestado com maior ou menor intensidade ao longo dos anos, seja pela dimensão lúdica inscrita na linguagem simbólica da sua obra, pelo movimento e dinamismo que apresenta, ou pela exuberância formal e profusão de cor que, às vezes, contrasta com a elegância monocromática do branco.



Todos estes universos têm o seu quê de barroquismo, que se tem manifestado com maior ou menor intensidade ao longo dos anos, seja pela dimensão lúdica inscrita na linguagem simbólica da sua obra, pelo movimento e dinamismo que apresenta, ou pela exuberância formal e profusão de cor que, às vezes, contrasta com a elegância monocromática do branco.

Numa exposição em Barcelos, é inevitável evocar afinidades: tal como no Figurado, também aqui o barro é matéria de invenção e fabulação; mas, em AVL, essa tradição é reinventada num universo simbólico próprio, onde o popular se transforma em linguagem autoral e contemporânea. A narratividade e a fabulação, o humor e ironia, a teatralidade implícita saem da tipificação e dos arquétipos característicos do Figurado de Barcelos para encontrar um universo próprio, em que a reinvenção simbólica é, sem dúvida, uma marca muito reconhecível nas criações de AVL.

Nesta sobreposição de referências, influências e invenções, o barro deixa de ser apenas matéria: torna-se campo de imaginação, palco onde a mão do artista transforma ideias em formas, cores e sons. Cada peça é um convite à descoberta, um gesto que move, fascina e desafia o espectador a entrar nesse universo, participando da criação e tornando-se cúmplice da sua fantasia. É nesse diálogo entre a tradição, a inventividade e o lúdico que se constrói o território fabuloso que define a obra de AVL.

Porque, quando AVL cria os seus mundos possíveis, quando a ponta dos dedos substitui o olhar, os sonhos ganham corpo, dos cabelos nascem pássaros, as algas tornam-se centopeias e o barro ganha voz.

Castro Marim, 8 de fevereiro de 2026
Cidália Alves dos Santos
Doutora em Literatura Comparada

